





Marcos Amend mostra as belezas da Península Antártica que encontrou em uma expedição a vela. Por Ivan Padovani

Arte da conservação

◀ **VELEIRO "EUROPA"**
Iluminado pelo sol da meia-noite em Dorian Cove

▲ **ICEBERG À VISTA**
Imagem feita de cima do mastro do veleiro durante a travessia do "cemitério de icebergs"

Recém-chegado de uma expedição em uma embarcação a vela pela Península Antártica, Marcos Amend apresenta aqui suas belíssimas imagens e conta à *DPBR* como foi sua experiência fotográfica durante a viagem.

Envolvido com a conservação ambiental desde 1987 e diretor de uma ONG que trabalha com economia aplicada à conservação, Marcos também sempre foi interessado por fotografia. Aos quinze anos de idade teve contato com o filme em preto e branco, pois o colégio onde estudou disponibilizava aos alunos o seu laboratório de revelação. "Eu nunca fiz um curso de fotografia. Mas sempre estudei muito. Me interessava por física e óptica. Tentava aplicar a técnica a um certo senso estético." Dentre suas principais referências de leitura estão John Shaw, Galen Rowell e claro, Ansel Adams.

Desta forma, fica fácil entender porque ele se considera uma pessoa extremamente exigente em relação à qualidade. "Minha relação com a fotografia foi sempre buscar uma luz interessante para fazer uma foto esteticamente bonita. Mas ultimamente me preocupo também em ter imagens suficientes para contar uma história e suportar uma matéria."

Marcos considera-se um fotógrafo entusiasta e não pretende abandonar sua carreira ligada ao meio ambiente para se dedicar integralmente à fotografia. Mesmo assim, foi um dos fundadores da AFNatura (Associação Brasileira dos Fotógrafos de Natureza) e diretor do Fotoclube de Belo Horizonte. Lançou o livro *Mamirauá: Reserva de Desenvolvimento Sustentável*, em parceria com Tiago Medaglia, publicado pela editora Horizonte. "Em 2001 fui contratado para gerenciar um hotel de selva na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, no Amazonas. Isso me ▶▶



“Sempre busco uma luz esteticamente bonita, mas também quero ter imagens para contar uma história”

▶ tornou um privilegiado morador da floresta amazônica. Ao terminar meu trabalho, finalmente eu tinha um grande acervo de imagens. E assim passaram a surgir as oportunidades de comercializá-lo.”

Em decorrência de seu trabalho ligado à conservação, sua relação com a fotografia só se estreitou. Foi mergulhar em Fernando de Noronha, voar sobre os Lençóis Maranhenses e fazer *rafting* nas Cataratas do Iguaçu, o que contribuiu decisivamente para que pudesse ter uma ampla produção. “Quando me dediquei 100% a trabalhar com o meio ambiente, as oportunidades para fotografar lugares diferentes começaram a surgir. Fui direcionando essas oportunidades para produzir um material consistente. Eu sabia que corria o risco de não retornar mais a muitas das localidades que visitei. Foi o caso do Parque do Tumucumaque, na divisa do Pará com Suriname.” Além disso, Marcos desenvolveu uma série de trabalhos em terras indígenas e formou um importante acervo de imagens das etnias Suruí, Paritintins, Apurinã e Jiahui, por exemplo. “Trabalhar com eles durante um tempo prolongado me

deu uma possibilidade de fazer um produção mais interessante do que simplesmente ir lá e fazer uma visita”, conta.

Por fim, em meados de 2012, Amend recebeu o convite do fotógrafo e montanhista João Paulo Barbosa para fazer parte de sua expedição à Península Antártica. A proposta da viagem seria refazer a rota do explorador Jean-Baptiste Charcot em 1904–1097 e visitar algumas montanhas da região que receberam nomes brasileiros do cientista polar francês. “Eu sempre tive vontade de conhecer a Antártida, desde quando Amyr Klink lançou o livro *Paratii: Entre Dois Polos*. Trata-se de uma viagem cara, e quando o João me ligou, eu logo disse: ‘Não sei como vou viabilizar minha ida, mas pode reservar meu lugar’.” O fato de se tratar de uma expedição particular conferiu uma grande autonomia ao grupo. “Durante o tempo em que alugamos os veleiros, podíamos ir aonde quiséssemos até uma determinada latitude. Queríamos justamente que fosse uma coisa absolutamente livre, para não estarmos vinculados à necessidade de gerar um material específico ou presos a um compromisso com patrocinadores.” ▶▶

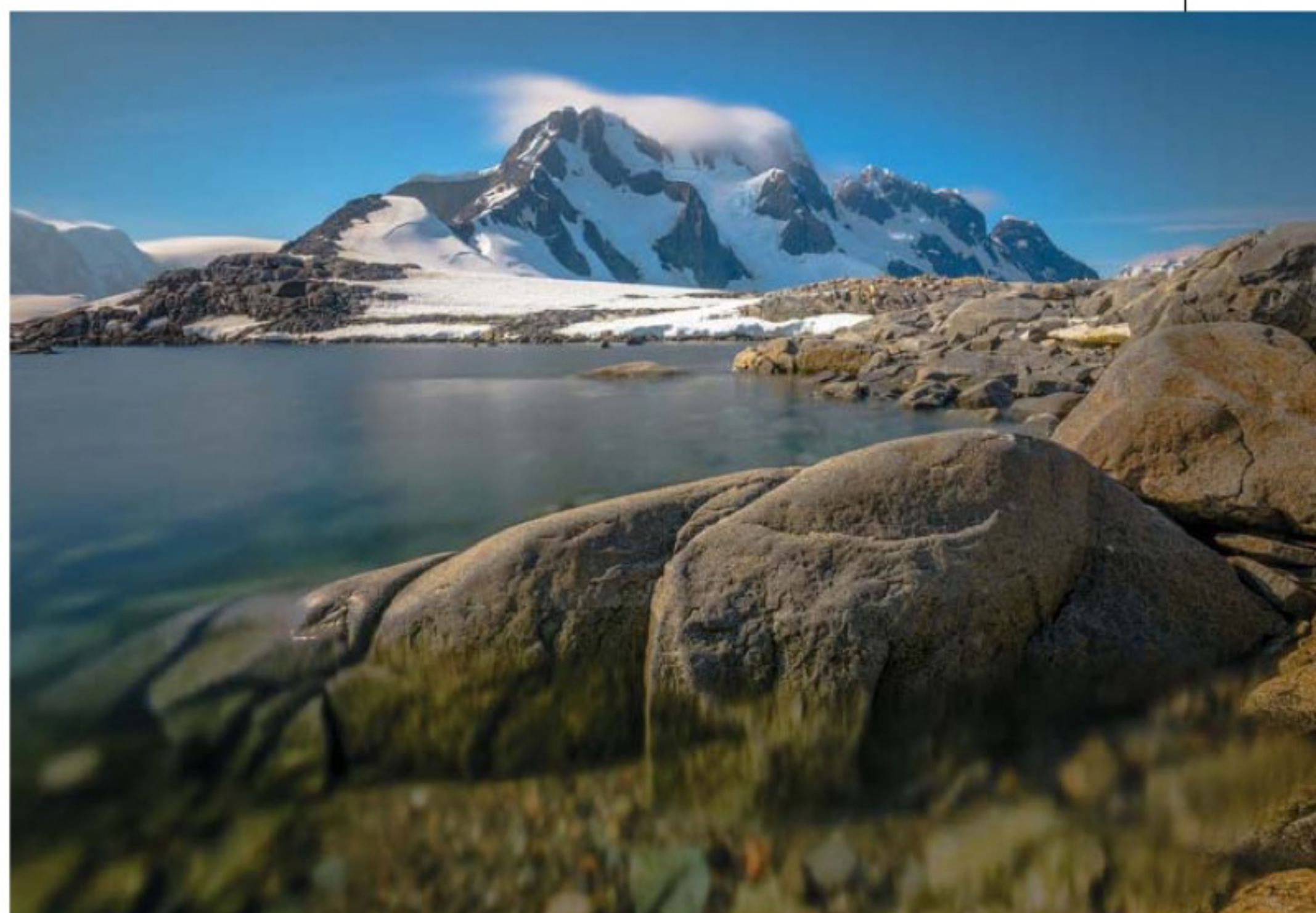
▶▶ **ICEBERG**
Ao nascer do Sol, próximo à base de pesquisa ucraniana Vernadsky

▶▶▶▶ **BOOTH ISLAND**
Uma foto de longa exposição feita de Port Charcot



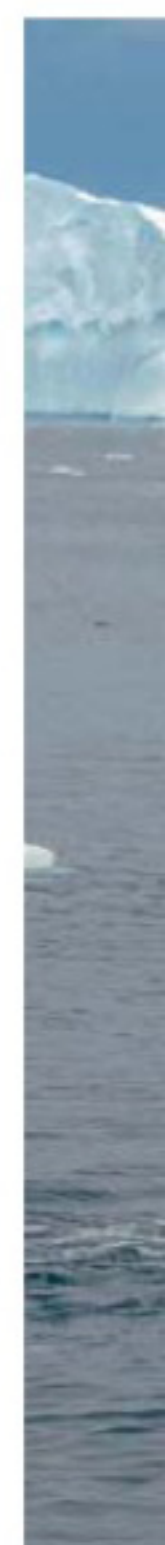


▲ **PANORÂMICA**
Montanhas da Booth Island
iluminadas pelo sol da meia noite,
em foto feita de Port Plenau



◀ **PINGUIM-
GENTOO E
FILHOTES**

Viajar de veleiro permite autonomia e o tempo necessário para registrar o comportamento da vida silvestre, como esse pinguim-gentoo ("jentu") e seus filhotes em Port Plenau



▶ **BALEIA JUBARTE**

Acompanhando o veleiro próximo ao Cabo Perez

▶▶ **SINCRONIA**

O comportamento pitoresco dos pinguins gera boas oportunidades fotográficas

▶▶ **PLACIDEZ**

A tranquilidade de uma foca-de-weddell em Paradise Bay

▶▶▶ **SORRIA!**

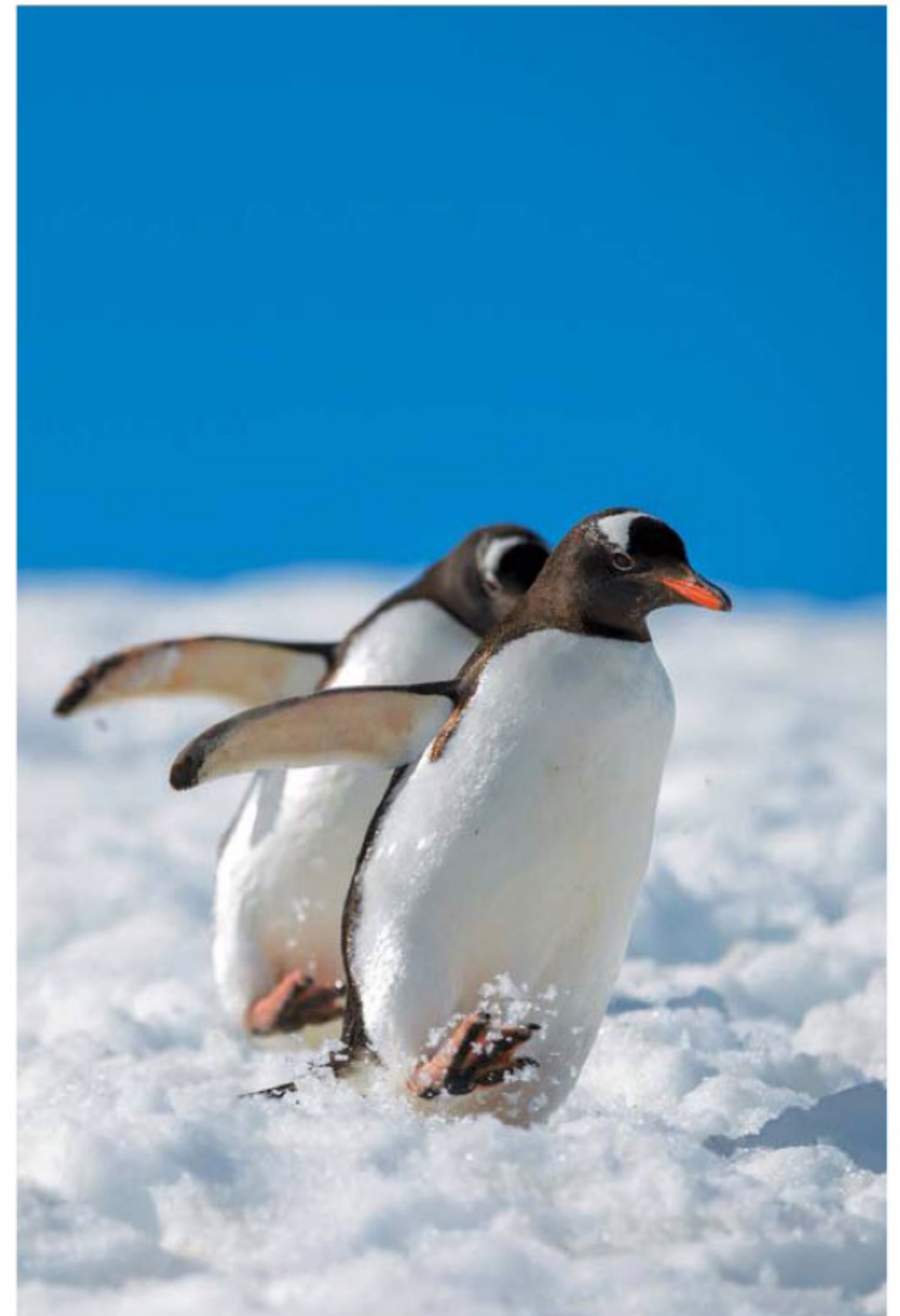
Um dos tripulantes do veleiro interage com a foca-de-weddell

“Quando me dediquei 100% ao meio ambiente, vieram as oportunidades para fotografar lugares diferentes”

▶▶ A partir dali, Marcos já sabia que os meses de planejamento seriam fundamentais para que sua viagem fosse bem-sucedida. “É uma viagem que se você planejar mal não tem remédio. Você está em uma situação absolutamente isolada, e não tem aonde recorrer. Com muita antecedência comecei a fazer um *checklist* do que precisava.” Conta que pensou cuidadosamente quais seriam os fatores cruciais, e assim, listou equipamentos de reserva como câmeras, lentes, cartões de memória e cabos, sempre levando em conta a limitação de peso e de espaço dentro do veleiro. “Precisei planejar também como seria o trabalho em campo. Levando uma luva adequada para operar a câmera, assim como roupa e mochila.

Caminhar com neve até o joelho é muito cansativo. Há uma série de pontos de equilíbrio que é preciso achar entre o peso do equipamento e sua capacidade de caminhar até os lugares.”

Ainda lembra que normalmente fazia suas investidas em duas fases. Primeiramente descia do barco com todo o equipamento – tripé grande e objetiva fixa de 400 mm. Fazia fotos de paisagem e vida selvagem nas imediações. Depois, voltava ao barco e montava uma combinação mais leve do equipamento, a fim de fazer caminhadas mais longas. “É uma viagem bem difícil em termos de exigência física. E por isso é importante ter uma boa ideia de como chegar aos pontos de equilíbrio.” ▶▶





▲ REUNIÃO

▲ Ainda em Ushuaia, planejando a expedição no espaço que seria compartilhado por 11 pessoas nas três semanas subsequentes

▲ LUZ BONITA

▲ Aproveitando o longo tempo com as luzes mais quentes do pôr-do-sol em Cuverville Island

▼ EXERCÍCIO PUXADO

▼ O árduo trabalho de caminhar na neve carregando quase 20kg de equipamento em Cuverville Island



© João Paulo Barbosa



© Ivone Lopes